



***BULLYING* NAS ESCOLAS:
aproximações a partir de um Estudo de Caso**

Taise de Souza Santos*

Isabela Augusta Andrade Souza**

RESUMO

Este artigo aborda a problemática do *bullying* no âmbito escolar com o objetivo de analisar qual é a atitude dos professores pesquisados em relação a este fenômeno. Buscou-se compreender se os mesmos se sentem preparados para a ocorrência de casos de *bullying* e se oferecem possíveis estratégias de intervenções como forma de preveni-lo. A metodologia utilizada foi o Estudo de Caso com ênfase em pesquisa qualitativa, em que se entrevistaram professores da Escola Estadual, Municipal e Particular de Sinop - MT. Os resultados encontrados neste trabalho mostraram que os professores afirmam ocorrer casos de *bullying* na sala de aula e que já realizaram intervenções para combater o mesmo.

Palavras-chave: Educação. *Bullying* na sala de aula. Professor. Estudo de Caso.

1 INTRODUÇÃO

As brincadeiras de mau gosto que acontece na sala de aula desde chamar o colega de ‘feio’, ‘gordo’, ‘negro’, ‘magrelo’, ‘orelha de abano’, ou seja, qualquer tipo de nomeação ou xingamento tida como sendo uma ‘brincadeiras’ de certa forma que ofende o colega, estão presente no cotidiano da escola principalmente nas salas de aula e a partir do momento que esse tipo de brincadeira passa a ter consequência para os receptores, seja no âmbito afetivo ou na aprendizagem, este aluno se torna uma vítima de *bullying*.

* Acadêmica do 7º semestre do Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem da UNEMAT – Campus Universitário de Sinop.

** Doutora em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora concursada na área de Psicologia da Educação do Campus Universitário de Sinop.

Depois da iniciativa do pesquisador Dan Olweus na década de (1973 a 1993), vários países começaram a pesquisar a respeito das causas e consequência do *bullying* com intuito de combater e prevenir. Este fenômeno se diferencia das brincadeiras por sua definição que pode ser intencional ou repetido, praticado por um indivíduo ou grupo. Segundo Albino e Terêncio (2009, p.1), *bullying*, define todas as atitudes agressivas, intencional e repetitivas adotadas por uma pessoa ou um grupo contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento.

Neste artigo, busca analisar qual é a atitude do professor em relação ao *bullying*, quais as providências que estão buscando para combater e prevenir este fenômeno. Realizei a pesquisa neste ano e entrevistamos 03 professores sendo que 01 da rede Estadual, 01 da rede Municipal e 01 da rede Particular no Município de Sinop - MT. Para a coleta de dados utilizamos entrevistas semiestruturadas e usamos com a permissão dos entrevistados gravador para não perder nenhum detalhe das suas respostas, e assim compreender quais as estratégias dos professores em relação ao *bullying* e se os mesmos estão preparados para lidar com este fenômeno.

2 METODOLOGIA

A pesquisa aconteceu baseada no estudo de caso com abordagem qualitativa, pois segundo Lüdke (1986, p.17) “o estudo de caso como estratégia de pesquisa é o de um caso, simples e específico ou complexo e abstrato e deve ser bem delimitado [...]”. A pesquisa teve como finalidade entrevista com três professores no total, sendo um da rede Estadual, um da rede Municipal, e uma rede Particular em Sinop - MT. Para coleta de dados utilizamos entrevistas semiestruturadas e gravadas. As entrevistas foram organizadas em treze perguntas, abrangendo sobre o que é *bullying* e o seu conceito, sobre a escola, as atitudes dos professores, as providências para combater e prevenir.

2 CONHECENDO OS CONCEITOS: a fundamentação teórica sobre o tema

O *bullying* é um conjunto de atitudes agressivas, intencional e repetitiva, que ocorre sem aparentes motivos, que pode ser em grupo ou individual, causando geralmente dor, angústia e sofrimento, intimidação, através de comportamentos como colocar apelidos no outro que está sendo perseguido, fazer gozações sem graça, quebrar seus pertences, discriminar, ou seja, importunar a outra pessoa.

Com todas as consequências, a sociedade visualiza este problema como se fosse uma brincadeira normal e encaram como algo que faz parte da iniciação à vida adulta, devido à falta de conhecer e saber realmente sobre o *bullying*, como ele se apresenta, quais as suas consequências, e desta forma as pessoas não observam que esta violência pode se agravar deixando marcas por resto da vida. O *bullying* não é um fenômeno recente nas escolas porque ele sempre aconteceu maquiado de brincadeiras de mau gosto, fazendo acreditar que isto não fazia mal algum aos olhos de professores, pais e responsáveis. Segundo Nunes (*apud* NETO, 2011, p. 34) “pais e professores têm pouca percepção da existência do *bullying*, subestimam sua prevalência e atuam de forma ineficiente para a redução e interrupção dessas práticas, principalmente pelo fato de que as vítimas se calam sobre a agressão sofrida”.

Alguns profissionais da educação não percebem as consequências que o *bullying* traz para a sociedade. Existem alguns profissionais que sabem desta violência, cita esta autora: “Em linhas gerais o *Bullying* é um fenômeno universal e democrático, pois acontece em todas as partes do mundo onde existem relações humanas e onde a vida escolar faz parte do cotidiano dos jovens” (SILVA, 2007, p. 12). O *bullying* acontece em vários lugares, pode ser na escola, na família, na Universidade, no local de trabalho, onde existir relações interpessoais acontece esse tipo de violência. A escola é o primeiro contato da criança com o âmbito público, e nela que crianças e adolescentes entram em contato com um conjunto de valores diferentes daquele de sua família, Fante (2005, p.29) relata como o *bullying* acontece nestes ambientes, cita as suas definições:

Definimos *Bullying* como um comportamento cruel intrínseco nas relações interpessoais, em que os mais fortes convertem ao mais frágeis em objetos de diversão e prazer, através de “brincadeiras” que disfarçam o propósito de maltratar e intimidar.

Portanto, o conceito de *bullying* deve ser abrangido como um comportamento ligado a agressividade física, verbal ou psicológica, exercida de maneira contínua dentro do ambiente escolar.

2.2 OS SUJEITOS ENVOLVIDOS E SUAS CONSEQUÊNCIAS

O *bullying* é classificado em alvo, autores e testemunhas, segundo estudos da ABRAPIA (2003). Os autores são, comumente, indivíduos que têm pouca empatia. Frequentemente pertence à família desestruturada, nas quais há pouco relacionamento afetivo entre seus membros. Os alvos são pessoas ou grupos que são prejudicados ou sofrem as

consequências dos comportamentos de outros e que não dispõem de recursos, status ou habilidade para reagir ou fazer cessar os atos danosos contra si. As testemunhas representadas pela grande maioria dos alunos convivem com a violência e se calam em razão do temor de serem posteriormente perseguidos pelos agressores. São indivíduos que presenciam tudo que acontece, mas tem medo de ser a próxima vítima.

Um dos lugares que ocorre este fenômeno e passa despercebido é na sala de aula. Segundo Fante (2005, p.47), “é comum entre os alunos de uma classe a existência de diversos tipos de conflitos e tensões”. Outra autora cita que não tem diferença entre escola Pública e Particular: “o *bullying* existe em todas as escolas, o grande diferencial entre elas é a postura que cada uma tomara frente aos casos de *Bullying*” (SILVA, 2007, p.11). Geralmente o agressor prefere atacar os mais frágeis, na certeza de poder dominar e fazer o que quiser.

Para Fante (2005, p.48, grifo do autor):

[...] na maioria das vezes, entretanto, os professores ou outros profissionais da escola não percebem a agitação ou não se encontram presentes no local quando acontecem os ataques à vítimas; assim, os próprios alunos ficam entregues a si mesmos para resolver seus conflitos [...], é comum que a vítima não conte para os professores e para os pais o que lhe acontece na escola[...].

O *bullying* deixa consequências gravíssimas, por isso é importante a conscientização dos profissionais da educação, para combater esta violência que pode levar inclusive comportamentos autodestrutivos, como até mesmo o suicídio de crianças e adolescentes, fato este no mundo inteiro estão ocorrendo devido a este fenômeno.

A consequência da conduta *bullying*, cita Fante (2005, p.78), afetam “todos os envolvidos e em todos os níveis, porém especialmente a vítima, que pode continuar a sofrer seus efeitos negativos muito além do período escolar.” Segundo a autora, podem trazer prejuízos também nas relações de trabalho, familiar e na criação dos filhos, além de acarretar prejuízos para a sua saúde física e mental até a vida adulta e se não tratada, até sua velhice. Na percepção das ideias desta autora as consequências são as mais variadas possíveis e dependem muito de cada indivíduo, da estrutura, de vivência, de predisposição genética, da forma e da intensidade das agressões (SILVA, 2007, p.9). Já para esta autora Fante (2005, p.51) cita:

[...] ouvimos ainda, de alguns educadores, que esse tipo de relação baseada na submissão sempre existiu, sendo “normal” encontrar nas escolas os grupos que dominam e os que deixam dominar, e que isso faz parte da vida, devendo os alunos aprender sozinhos a conviver e a lidar com essas situações impostas por seus agressores, pois, afinal, experiência assim os tornarão fortes para enfrentarem os desafios futuros[...].

Fica evidente a importância do papel do professor e suas ações dentro e se possível, também fora da sala de aula. Por esta razão, acreditamos que é de suma importância que os professores estejam preparados para lidar com este tipo de violência, não uma vez que os estudiosos parecem não terem dúvidas quanto às graves consequências na vida de uma pessoa que passa por este evento em sua vida.

2.3 O PAPEL DO EDUCADOR DIANTE DO *BULLYING*

Quando nos referimos sobre o *bullying* na sala de aula, além do conflito existente entre os alunos – ou entre professor/aluno, logo vem em mente o que o professor faz diante deste fenômeno, qual a sua atitude ou então o que fazer quando acontece, ainda mais se este problema envolver seus alunos e seu desempenho escolar. Será que os professores estão preparados para lidar com essas agressões dentro da sala de aula? E porque essas agressões acontecem mesmo na presença do professor?

Seria muito bom se o educador conseguisse no ambiente escolar, ser um exemplo em sua conduta comportamental e ética, nesse sentido não só ser uma pessoa que também não fizesse o *bullying* no papel professor-aluno, mas também na presença dos conflitos, que ele resolvesse ou desse encaminhamentos que não provocasse mais violência ou mesmo injustiça diante das situações.

Para que o *bullying* não aconteça no cotidiano pedagógico e necessário a participação do educador e também a participação dos alunos. O educador tem que trabalhar os valores, propor diálogos, respeitar as diferenças, o respeito com o próximo, a solidariedade, o papel do aluno e entender e cooperar com as ações do educador. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais: Apresentação dos Temas Transversais e Ética (PCN, 1998, p.20-21) uma reflexão da importância sobre o papel do educador diante de casos de *bullying*:

[...] deve ser feito um destaque para preconceitos e desrespeitos frequente entre os alunos: aqueles que estigmatizam deficientes físicos ou simplesmente os gordos, os feios, os baixinhos etc., em geral traduzidos por apelidos pejorativos. Nesses casos o professor não deve admitir tais atitudes [...].

Não adianta o educador trabalhar somente ensinando através da teoria, conceito como valores, ética, o respeito, etc., e nas suas práticas pedagógicas, agir de forma contrária do ensinamento. Mais que falar, o ideal é que o professor de o exemplo, ou seja, tem que ser o espelho, passando o respeito e agindo com o respeito, pois, assim os alunos seguem o seu modelo.

4 ANÁLISES DAS ENTREVISTAS: compreendendo melhor a visão do bullying através do educador

Em primeiro lugar é preciso destacar que as respostas aqui bem como as análises da mesma não são universais. Trata-se de um pequeno recorte em lugares diferentes, tentando fazer uma somatória e quem sabe, descobrir se há ou não diferença na visão e/ou atuação do professor, seja ela da escola pública municipal ou estadual ou mesmo particular.

Todas as entrevistas terão apenas uma letra maiúscula como referencia não tendo a ver sequer com o inicial do nome do entrevistado. Essa estratégia nossa é para que haja um sigilo total, conforme combinado com os professores.

Dando então início de nossa análise, pudemos perceber que nas entrevistas as pessoas entrevistadas têm graduações diferenciadas como, Educação Artística, Matemática, Português e Pedagogia, todos tem pós-graduação na área que atuam. Isso nos mostra a diversidade de formação acadêmica em os professores entrevistado atuam e se qualificam como área de atuação.

Podemos perceber que talvez pela falta de conhecimento mais profundo das professoras no geral, elas remetam ao fato do que é ou não é *bullying* como sendo ‘qualquer comportamento, xingamento ou ato que desabone’ na relação entre os alunos. Com isso, na questão 5, essas mesmas educadoras, dizem que por isso mesmo elas veem isso acontecer todos os dias, uma até chega a dizer que sempre existiu e em “26 anos que ela trabalha” ela vê isso acontecer só que antes não tinha um nome específico para este fenômeno. Ou seja, para a maioria das entrevistadas, quase todo comportamento mesmo que inconstante é *bullying* e por isso mesmo, a frequência é diária.

Fica então a questão – qual das visões apresentadas está certa a luz da teoria? Pensamos que nem uma nem outra. Se por um lado não podemos generalizar como todo comportamento mais agressivo ou desrespeitoso sendo *bullying*, também deixar certas brincadeiras acontecerem e colocar como sendo ‘normal’ não se pode considerar como sendo saudável para um ambiente escolar.

Neste caso, qual seria o mais equilibrado a fazer, diante das leituras que fizemos, é que os professores em relação a estes momentos de atritos entre os alunos. Muitas às vezes as agressões que os alunos cometem são consideradas “brincadeiras” ou “briguinhas” de crianças, sendo assim os professores não dão a real importância a esse problema, isto acontece devido a falta de informação ou de preparo para lidar com o *bullying*. Segundo Fante (2005),

que cita algumas explicações do professor Dan Olweus para diferenciá-las de outras formas de violência e das brincadeiras da idade, o *bullying* acontece de forma repetitiva contra uma mesma vítima num período prolongado de tempo; ou seja, sempre um que dominará a situação e outro que sofrerá o ato causando assim um desequilíbrio de poder, o que dificulta a defesa da vítima; além disso, há ausência de motivos reais que justifiquem o ataque.

O educador tem que trabalhar os valores, propor diálogos, respeitar as diferenças, o respeito com o próximo, a solidariedade, o papel do aluno e entender e cooperar com as ações do educador. O educador tem o papel ainda de:

[...] não se trata de punir os alunos, trata-se de explicar-lhes com clareza o que significa dignidade do ser humano, demonstrar a total impossibilidade de se deduzir que alguma raça é melhor que a outra, trata-se de fazer os alunos pensarem e refletirem a respeito de suas atitudes [...].

O educador tem que trabalhar os valores, propor diálogos, respeitar as diferenças, o respeito com o próximo, a solidariedade, o papel do aluno e entender e cooperar com as ações do educador. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais: Apresentação dos Temas Transversais e Ética (PCN, 1998, p.20-21) uma reflexão da importância sobre o papel do educador diante de casos de *Bullying*: Ainda:

[...] não se trata de punir os alunos, trata-se de explicar-lhes com clareza o que significa dignidade do ser humano, demonstrar a total impossibilidade de se deduzir que alguma raça é melhor que a outra, trata-se de fazer os alunos pensarem e refletirem a respeito de suas atitudes [...].

Pelo relato que observamos, podemos dizer que as escolas também parecem não se isolar ou mesmo se anular diante da problemática do *bullying*, não só proporcionando aos professores discutirem isso entre si, mas também trazendo outros profissionais para cursos ou palestras a respeito deste assunto. É fato que não foram todos os professores que disseram que isso acontece nas escolas que fizemos a pesquisa (palestras), no entanto, neste recorte, a maioria disse que é de praxe a direção da escola não se omitir diante dos fatos.

Essa preparação da escola enquanto instituição para seus professores é importante que a escola busque estratégias juntos com os professores para lidar com este tipo de violência. Para esta autora (SILVA, 2010, p.12) “a escola é corresponsável nos casos de *Bullying*, pois é lá onde os comportamentos agressivos e transgressores se evidenciam ou se agravam na maioria das vezes. A direção da escola (como autoridade máxima da instituição) deve acionar os pais [...]”. Já Almeida, Silva e Campos (2008, p.13) citam que “a escola é muito importante no desenvolvimento das crianças e adolescentes, sendo este insatisfatório aos que não gostam

dela, com comprometimentos físicos e emocionais à saúde ou sentimentos de insatisfação com a vida”.

5 O QUE PODEMOS CHAMAR DE CONCLUSÃO OU PARA ALÉM DE UM FECHAMENTO POSSÍVEL

Após análise das entrevistas e a partir dos relatos dos entrevistados, concluímos que os professores estão cientes em relação ao *bullying*, e que os mesmos afirmam a ocorrência do fenômeno em sala de aula, e estão buscando um meio de prevenir e combater este fenômeno, junto com os pais e a escola. Os professores enfrentam esse fenômeno todo dia no seu cotidiano, só que o professor sozinho não consegue resolver tem que ter a parceria dos pais e da escola. Compreendemos através das leituras teóricas que o *bullying* é um tipo de violência que vai além das agressões, ele deixa sequelas gravíssimas que muitas vezes pode levar até a morte. E hoje quem está saindo mais prejudicados são os alunos, neste caso percebemos que alguns professores estão preparadas, e cada dia buscam estratégias para mudar esta realidade, acreditamos se todos buscarem a causa e dar mais atenção aos alunos podemos mudar este tipo de violência que assola o ambiente escolar.

Para lidar com este fenômeno, segundo as entrevistas analisadas nem todas têm uma grande preocupação, em relação a este ponto merece destaque algumas falas muito significativas: A partir destes relatos a escola tem que buscar estratégias juntos com os professores para lidar com este tipo de violência, cita Ferreira et al (2010, p. 58) “as escolas precisam enfrentar o *Bullying* construindo estratégias que favoreçam o bem-estar psicossocial no ambiente educativo”. Pois a escola é um ambiente de resgate, de valores e de trabalhar as diferenças.

BULLYING IN SCHOOLS: approaches from a Case Study

ABSTRACT¹

This paper addresses the problem of bullying in schools with the aim of analyzing what is the attitude of the surveyed teachers regarding this phenomenon. It sought to understand whether they feel prepared for the occurrence of bullying and if they offer possible

¹ Traduzido pela professora Ariane Macedo Melo (CRLE – Revista **Eventos Pedagógicos**).

intervention strategies as a way to prevent it. The methodology used was the case study with an emphasis on qualitative research, in which teachers from State, Municipal and Private School in Sinop-MT were interviewed. The findings of this study showed that teachers claim the occurrence of cases of bullying in the classroom and that interventions were made to combat it.

Keywords: Education. Bullying in the classroom. Teacher. Case Study.

REFERÊNCIA

FANTE, Cleo. **Fenômeno *Bullying***: como prevenir a violência nas escolas e educar para paz. Campinas: Verus, 2005.

SILVA, Adriana Maria da; NASCIMENTO, Talita Maria César; QUEIROZ, Cristiany Morais de. **O fenômeno *bullying* e suas implicações na realidade de uma escola da rede particular do Recife**: um estudo de caso. Trabalho de conclusão, 2007. Disponível em: <http://libros-en-pdf.com/descargar/fenomeno-bullying-cleo-fantes-6.html>. Acesso: 18 abr. 2013.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília**: MEC/SEF, 1998. v. 8.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Cartilha 2010 justiça nas escolas: bullying**. Conselho Nacional de Justiça. Brasília, 2010. Disponível em: www.cnj.jus.br/images/programas/justica-escolas/cartilha_bullying. Acesso em 23 abr. 2013.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.